

RESENHA: BLADE RUNNER 2049: UMA VISÃO DO CAPITALISMO PÓS-HUMANO

Cintia da Silva Moraes¹
Mestre em Letras
Universidade Federal do Espírito Santo
(moraes-cintia@hotmail.com)

Qual é a relação entre o capitalismo e a perspectiva da pós-modernidade? A partir de um questionamento – característica das abordagens de Slavoj Žižek – o ensaísta inicia suas reflexões acerca do longa **Blade runner 2049 (2017)**, *remake* lançado após trinta e cinco anos de **Blade runner: o caçador de andróides (1982)**, que retrata uma sociedade capitalista permeada por intervenções tecnocientíficas. Nesse breve e não menos importante ensaio do livro ‘Lacrimae rerum: ensaios sobre cinema moderno’, Žižek traz interpretações e análises de cunho filosófico acerca desta recente produção cinematográfica a qual se somou às grandes histórias de revolução científica, talvez por seu retrato distópico, pelas abordagens filosóficas e pela narrativa simples, mas com várias questões instigantes e não solucionadas.

Em sua análise, Žižek destaca que o enredo do filme, reavivado por Denis Villeneuve, desenvolve o argumento das relações entre capitalismo e pós-humanidade, afirmando que o capitalismo, como é conhecido até então, chegará ao fim e dará lugar a uma nova forma de capitalismo, o pós-humano, previsto por grandes capitalistas, como Elon Musk. No filme, seres humanos gerados a partir da bioengenharia, criados para obedecer, lidam com questões não programadas para sua existência. Além do movimento por liberdade, a reprodução sexuada, considerada como milagre por uns e castigo para outros, sugere que as concepções de humano e o futuro da espécie humana são questões a serem examinadas. Estariam os replicantes em condições de igualdade com os seres humanos? Isto é, seriam respeitados, teriam direitos garantidos por lei? Nas palavras de Žižek:

devemos conceder aos andróides com sentimentos humanos (amor, etc.) direitos humanos, tratá-los como seres humanos, incorporá-los

¹ Doutoranda em Letras – Programa de Pós-graduação em Letras. Linha de pesquisa Literatura: Alteridade e Sociedade (LAS). Orientador: Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0370-2855>.

ao nosso universo – mas, com a chegada deles, nosso universo ainda será nosso? Continuará sendo o mesmo universo humano? O que falta é qualquer consideração da mudança que a chegada de andróides com consciência significará para o *status* dos seres humanos: nós humanos não seremos mais seres humanos no sentido usual, algo novo surgirá (p. 209).

Concordamos com Žižek que o sentido usual de humano não permanecerá quando analisamos os dois lados da questão: os humanos e os andróides. Quanto a estes, as respostas a essas perguntas são sugeridas pelos próprios filmes em questão: apesar da replicante Pris, do primeiro filme, ter lançado mão da conhecida frase de Descartes “Penso, logo, existo” para afirmar sua própria humanidade a JF Sebastian, vimos que, como aconteceu a tantos outros replicantes, sua vida foi apagada sob as ordens do estado. O mesmo acontece ao replicante Roy. Todas as suas buscas por respostas, numa tentativa de autopreservação, não foram suficientes para vencer as forças de seus criadores. Em sua última aparição no filme, em que ele sente que chegou seu momento de morrer, Roy chora ao se lembrar de sua luta pela vida e, numa cena bastante icônica, compara suas memórias às suas lágrimas que se perdem na chuva, ou seja, ele se dá conta de que toda a sua história de vida, tudo que ele experienciou não tinha valor, sua vida e sua história não importavam, mas apenas a sua força de trabalho.

No novo filme, presenciamos o replicante K – apesar de todas as suas qualidades no desempenho de suas funções no departamento de polícia de Los Angeles – ser hostilizado por alguns humanos que são seus colegas de trabalho: entre frases atravessadas e desrespeitosas, ele é chamado de pele falsa. Como também previsto no filme por Joshi, as relações entre humanos e replicantes não seriam harmoniosas, pelo contrário, poderiam levar a conflitos e guerras. Dessa forma, podemos perceber que os interesses nos corpos aptos para o trabalho são essencialmente capitalistas, não há preocupações com outras possíveis vertentes inerentes ao humano.

As relações de trabalho, indissociáveis da lógica do sistema capitalista, retratadas no filme, seja entre humanos, entre humanos e replicantes ou entre os replicantes, convergem para um importante questionamento de Žižek:

Do ponto de vista marxista tradicional, estranhas questões emergem: se os andróides fabricados trabalham, a exploração ainda ocorre? O

trabalho deles gera valores que excedem seu próprio valor como mercadorias para que possam ser apropriados por seus proprietários na forma de mais-valor? (p. 206).

Do outro lado, percebemos as mudanças para o *status* de humano, também por meio das relações de trabalho numa sociedade pós-moderna exemplificadas no filme: o fato de haver os replicantes, criados para trabalharem em funções sociais não ocupadas por humanos, não extingue a exploração do trabalho por meio do opressor sistema capitalista. Os avanços tecnocientíficos atuam mais como demonstração de poder do que melhorias ao proletariado, não favorecendo a classe trabalhadora, ainda que alguém execute a mão-de-obra para si. Embora exista uma sociedade tecnologicamente desenvolvida estarão inseridos nela indivíduos que desenvolvem atividades com sua força humana, em condições sub-humanas e oprimidas pela força do capitalismo, seja pelos impostos, pelos valores absurdos que se paga para consumir tecnologias, seja na alimentação, no transporte, no tratamento da saúde ou da educação, ou pelas extensas cargas horárias de trabalho.

Como vimos no filme, os avanços tecnológicos não resolvem os problemas de uma sociedade estratificada, aliás contribuem para a manutenção dela, pois alguns modos de exploração continuam a ser praticadas, em várias instâncias: o empresário pobre que utiliza a mão-de-obra infantil, o estado que utiliza a mão-de-obra do replicante, o replicante que usa a mão-de-obra de outro (o caso de K e Joi). Na atualidade, vivemos num crescente processo de *uberização* do trabalho: sob a face de uma pretensa liberdade do trabalhador, a exploração de seu trabalho é cada vez maior. Uma vez que o trabalhador tem a liberdade de trabalhar onde e quando quiser, ele assume as responsabilidades da falta do vínculo empregatício, abre mão dos seus direitos trabalhistas e custeia sua própria alimentação, transporte, segurança e saúde enquanto oferta seu corpo como mão-de-obra a um sistema que enriquece cada vez mais e, por isso, de tempos em tempos, precisa de outros corpos, novos e saudáveis, para trabalharem e produzirem riquezas.

Talvez por isso, há uma crescente tentativa de aprimoramento do corpo humano: seja por meio de dietas alimentares, uso de medicamentos, intervenções cirúrgicas, programação da memória e estratégias neurocientíficas para que o corpo suporte a fome, o sono, que não se esqueça de compromissos, que decore grandes volumes de palavras e se torne produtivo ao sistema. A multiplicação dessas

possibilidades, a aquisição de certas habilidades e atitudes, que esticam os próprios limites do humano, podem levar a humanidade a percorrer caminhos desconhecidos, mas apontam cada vez mais para a dominação desenfreada.

Apesar da previsão fantasiosa, talvez, apresentada no filme, Žižek aponta que não é novidade a tentativa de aprimoramento da capacidade humana para o trabalho: grandes estadistas, como Stalin, financiaram pesquisas e experimentos em seres humanos ao longo do século XX, inclusive, no período da Segunda Guerra Mundial.

De fato, as transformações tecnocientíficas afetam o humano como espécie e suas representações: se de um lado, o sistema capitalista funciona como controle e consumo de corpos, de outro há os indivíduos interessados por novidades que consideram ser benéficas para o seu corpo, seu estilo de vida e suas relações pessoais.

Essa quebra de limites do humano, na maioria das vezes, ocorre de forma inconsciente para o indivíduo, uma vez que até mesmo suas escolhas pessoais são guiadas pelo sistema capitalista que, aos poucos, promove o apagamento das concepções de humano, transformando-o em máquina produtiva, cada vez mais útil e menos livre.

Contudo, a estratégia capitalista não se contenta em atuar somente no campo da dominação às cegas. À semelhança do que foi retratado no filme, o conformismo, por meio de uma perfeita normalidade, mantém seus indivíduos fiéis e satisfeitos, mantenedores de um *status quo* bastante apreciado pelas instituições de regulação e controle da sociedade. O ambicioso capitalista Wallace resolveu o problema das buscas por respostas manifestadas nos antigos replicantes, extinguindo-os e criando novos replicantes conscientes de sua condição de subserviência:

Os replicantes mais antigos se rebelaram porque acreditavam na veracidade de suas memórias e, portanto, puderam experimentar a alienação de reconhecer que não eram reais. Os novos replicantes sabem desde o princípio que suas memórias são falsas, de modo que nunca são enganados – e, deste modo, tornam-se mais escravizados à ideologia do que a simples ignorância de seu funcionamento (p. 208).

Com as palavras de Žižek, concordamos que o processo de transição entre o humano e o pós-humano já está em pleno funcionamento na nossa sociedade, imersa nas profundezas de um capitalismo selvagem que ao mesmo tempo que nos escraviza

nos faz ser gratos pelo que fomos ensinados a achar que são benefícios para a nossa existência.

Dados da obra resenhada: ŽIŽEK, Slavoj. Blade Runner 2049: uma visão do capitalismo pós-humano. *In: Lacrimae rerum: ensaios sobre cinema moderno*. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 205-210.



Recebido em 09 de agosto de 2020
Aprovado em 16 de dezembro de 2020